



PARÍS — O PALACIO BOURBON.

O PALACIO Bourbon, que é hoje onde se reúne a representação nacional, está situado na margem esquerda do Sena, em frente da ponte da Concordia. Foi erigido em 1722 pela duqueza viuva de Bourbon, segundo os desenhos de Girardini, e do celebre Mansard. O principe de Condé, a quem veio depois a pertencer, augmentou-o bastante; mas sómente se concluiu em 1789. A revolução teve-o desocupado até 1795, anno em que ali se estabeleceu o conselho dos quinhentos. Durante o imperio serviu de séde do corpo legislativo, e desde 1814 para os deputados celebrarem suas sessões. A entrada principal é pela rua da Universidade. O pateo de entrada é vasto e grandioso, e nos dous corpos lateraes encontram-se os gabinetes das secções, e as moradas dos empregados. O peristilo está adornado com qua-

tro columnas corynthias, e no salão de espera vêem-se quatro estatuas de Mirabeau, Casimiro Perrier, Bailly e Foy. A' direita do salão está a sala da distribuição de impressos, e á esquerda o salão chamado d'el-rei, com varias pinturas a fresco representando divindades fluviaes.

A sala das sessões é semicircular, e adornada de 24 columnas jonicas de marmore branco. A cadeira da presidencia e a tribuna formam o centro do eixo do semicirculo; as bancadas dos deputados estão dispostas em amphitheatro. Entre as columnas observam-se as estatuas da Força, da Justiça, da Verdade, da Eloquencia etc. Em torno da sala ha duas ordens de galerias, e algumas tribunas reservadas.

O salão das conferencias tem uma estatua de Henrique IV, muitas bandeiras tomadas aos austriacos

OUTUBRO 1, 1853.

VOL. II. — 3.<sup>a</sup> SERIE.

M. L.  
DE  
OLISTO



nas guerras do imperio, e dous grandes quadros, que representam, um o sitio de Calais, o outro a resistencia do presidente Molé aos da liga. Ao lado está a bibliotheca, que tem uns 50:000 volumes, e muitos manuscriptos raros.

A fachada, que fica em frente da ponte da Concordia, é ornada de 12 columnas corynthias de dez metros de altura, sobre as quaes descansa o bello frontão, obra de Cortot.

Nas escadarias da fachada estão collocadas as estatuas collossaes da Justiça e da Prudencia, e as de Sully, Colbert, Hopital e Aguesseau.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### DO ANTIGO ESPLENDOR DA CASA DE BRAGANÇA.

#### AS FESTAS DO CASAMENTO DE D. THEODOSIO II.

#### III.

##### *Festejos publicos.*

DEPOIS de affixado o cartel, D. Duarte e D. Philippe, com todo o seu luzido cortejo, deram volta em torno da praça, e feitos os cumprimentos aos duques, se recolheram. A noute houve um brilhante fogo d'artificio, que se prolongou até muito tarde.

O dia 29 foi destinado para o jogo das cannas. As quadrilhas dos cavalleiros entraram no Terreiro do Paço de tarde pela ordem seguinte: Rompiam a marcha os atabaleiros, nove trombetas e quatro charamelas, todos a cavallo. Depois vinham duas aze-mulas com as cannas cobertas com reposteiros de veludo bordados com as armas ducaes. Seguiam-se vinte cavallos á mão, dous á dous, ricamente ajaezados, trazendo a maior parte adargas pendentas do arção; e mais quatro cavallos com magnificos telizes com as armas do duque, e conduzidos por moços da estribeira.

Após d'estes caminhava o veador do duque em um bom cavallo, levando na mão a insignia do seu cargo, e á sua esquerda o estribeiro-mór, seguidos de dezoito cavalleiros, dispostos dous a dous, e vestidos á turca. Era esta a quadrilha de D. Duarte. A de D. Philippe, que vinha immediata, constava de vinte e dous cavallos conduzidos á mão, com excellentes jaczes, e os mais d'elles tambem com adargas pendentas do arção, e além disto mais quatro cavallos com bellos telizes de brocado. Depois marchava o veador da duqueza com a sua respectiva insignia na mão, e atraz d'elle dezoito cavalleiros igualmente vestidos á turca, differenciando-se dos da outra quadrilha pelas côres do traje.

As duas quadrilhas, cada uma por seu turno, vieram fazer continencia diante das janellas do paço, primeiro aos duques, e depois a todas as damas e cavalleiros, que ali se achavam. Acabadas as cortezias, deram as quadrilhas, cada uma por sua vez, uma corrida na praça, indo depois collocar-se em logares oppostos. Passaram então a mudar de cavallos, e feito isto principiou o jogo das cannas, terminando como principiára com as corridas e cortezias. No dia 1.º de julho correram-se touros. Os cavalleiros, todos fidalgos, apresentaram-se vestidos e armados, uns á hespanhola com rejões, outros á mourisca com arremeções. Uma grande mascarada de gente a cavallo trajados com bastante luzimento, fazendo variadas sortes, jogos e corridas, fez o divertimento do dia 2.

Finalmente no dia 6 teve logar o torneio, con-

forme estava anunciado, e foi esta a mais esplendida e apparatusa de todas aquellas funcções. O Terreiro do Paço estava ricamente armado e preparado para esta magnifica funcção. Nas duas extremidades da praça, á direita e esquerda do paço, erguiam-se duas grandes tendas de campanha forradas de sedas de côres diversas. Uma, mais elegante, em fórma de pavilhão, era destinada para os mantenedores; a outra para os aventureiros. Bandeiras e gallhardetes de diferentes côres fluctuavam vistosamente sobre ambas as tendas. O espaço entre uma e outra era a liça, ou campo do combate, e estava cercado por uma têa de grades de páu bem lavradas e pintadas, que em distancias iguaes se levantava um pouco para servir de base a uma tocha. Pela parte de fóra d'esta grade, e cinco passos distante d'ella, havia outra têa, a que chamavam esbarras, feita igualmente de madeira, e em fórma de gelosia. Garneciam-a tambem muitas tochas, e em torno d'ella viam-se muitos candieiros. Em frente do paço, e junto da têa elevava-se um alto estrado, armado de damasco carmezim, sobre o qual estavam tres cadeiras e uma meza coberta com um panno da mesma fazenda; era o logar reservado para os juizes do torneio. As ricas armações, que ornavam as janellas do paço e das outras casas, que deitam para a praça, a innumeravel quantidade de luzes, dispostas de diversos modos com que a noute se convertia em dia; as brilhantes galas de tantas damas, que occupavam todas as janellas da praça; os magnificos e variados trajos de milhares de cavalleiros, e criados do duque; a immensa multidão de povo, que de todos os lados corria ebria de prazer, tudo isto formava um espectaculo verdadeiramente magestoso.

Dispostas assim as cousas, e tendo tomado os juizes do torneio os seus respectivos logares, mandaram estes affixar o seguinte edital.

«Aos seis dias do mez de julho do anno de 1603 em Villa Viçosa, no Terreiro do Paço do duque nosso senhor, ás nove horas da noute, estando suas excellencias a duqueza nossa senhora, o senhor D. Alexandre, e o senhor D. João de Bragança, bispo da nobre cidade de Vizeu, presentes, e estando no logar para isso ordenado o senhor D. Constantino, juiz do torneio, e Pedro de Sousa e Afonso de Lucena por seus adjuntos, o qual foi aprazado para as ditas horas pelo senhor D. Duarte, e pelo senhor D. Philippe, irmãos do dito senhor duque, para defendem a causa da fermosa Celindaxa.»

Logo depois veio João de Tovar Caminha, fidalgo da caza do duque, e mestre de campo, *segurar a praça*, isto é guarnecer-a de soldados para manutenção da ordem e segurança dos que viessem tomar parte no combate, pois que durante o torneio eram estes isentos da jurisdicção e força da lei, caso estivessem incursos em algum delicto.

Em seguida appareceram na praça os dous mantenedores, D. Duarte e D. Philippe de Bragança. O primeiro vestia calças roxas guarnecidas de galões de ouro, saio de seda da mesma cor, e igual guarnição, sapatos brancos com fitas roxas, armas pretas com labores de ouro, capacete com plumas roxas, brancas e amarellas, rematando em um volante de prata, cujas pontas chegavam ao meio da perna, talabarte e cinto de couro lavrado e pespontado de branco com espiguihas de ouro e prata, lança com manga de seda roxa com franjas de ouro, e escudo com a letra: — Mane fogo, quas nocte duco.

O segundo trajava igual vestuario com a differença simplesmente nas côres. As suas armas eram brancas, e a letra do escudo: — Percussus executit ignes.



Vinham precedidos de quatro tambores e dous pifanos; oito moços fidalgos, com jubões de tela de ouro e prata, calças guarneçadas de galões de ouro, cintos e meias de seda, e sapatos de veludo. Quatro d'estes levavam nas mãos capacetes com plumas, e os outros quatro espadas para o torneio.

Seguiam-se vinte e quatro moços da camara com tochas accesas, depois os dous mantenedores acompanhados de João de Tovar e mais dous fidalgos, que lhes serviam de padrinhos. Fechava o prestito a guarda dos alabardeiros.

D'este modo fizeram a sua entrada na praça, e depois de darem volta em torno d'ella, recolheram-se á sua tenda, donde saíram passados poucos minutos para tomarem na liça o seu posto de mantenedores.

Immediatamente entrou na praça um carro triumphante puchado por seis cavallos, e precedido de um tambor e um pifano, e conduzindo quatro aventureiros, D. Diogo de Mello, D. Affonso de Noronha, Fernão Lobo de Mello, e Manuel d'Andrade de Brito, todos fidalgos da caza do duque. Vinham vestidos e armados pelo mesmo teor dos dous mantenedores.

Tendo feito as mesmas evoluções, vieram postar-se no lugar destinado aos aventureiros.

Seguiu-se Fernão de Castro, veador de sua alteza a duqueza D. Catharina. Acompanhavam-o um pifano e dous tambores, seis pagens com tochas accesas, o padrinho, e uma companhia de arcabuzeiros á pé. Feitas as ceremonias do estylo foi para o posto dos aventureiros. Assim foram chegando mais alguns fidalgos com que se engrossava aquelle posto. Nisto appareceu no meio da praça uma navem, que logo se rompeu, e depois se abrazou, saindo d'ella dous aventureiros com o seu padrinho.

Começou o combate, sendo D. Duarte o mantenedor, e D. Diogo de Mello o aventureiro. Depois seguiu-se D. Philippe com D. Affonso de Noronha. Foram tão iguaes na destreza e na fortuna, que a nenhum se adjudicou premio.

Tendo entrado em segundo combate foram premiados Manuel de Andrade, que pelejava com D. Philippe, e D. Duarte, que combatia com Fernão de Castro.

A este tempo viu-se entrar na praça uma torre entre pagens com tochas accesas, disparando tiros, e puchada por um dragão, que vomitava fogo, sobre o qual vinha montado um anão. D'esta torre saíram seis aventureiros, que se diziam encantados, e tres cavalleiros, que lhes serviam de padrinhos.

Continuou então o combate, em que tomaram parte por seu turno todos os aventureiros, distribuindo-se os premios aos que os iam merecendo na fórma do programma, e constavam estes de anneis e outras peças de ouro com pedras preciosas, cocares de plumas, bolsas de ouro, córtes de varios tecidos de aprego, luvas de ambar etc. Estes premios eram logo enviados pelosecavalleiros ás damas, que amavam. Os padrinhos é que os levavam ao seu destino, sendo acompanhados de pagens com tochas accesas, e um tambor tocando.

Sendo já muito tarde deu-se fim ao torneio. Então formaram-se os cavalleiros em duas filas, ajoelharam e rezaram uma Ave Maria, conforme o estylo; depois ergueram-se, e entraram todos no combate chamado da fila. Acabado este mandaram saber dos juizes se tinham mais que fazer, e respondendo-se-lhes que não, saíram da estacada os aventureiros e mantenedores com as mesmas formalidades com que tinham entrado.

Antes de se retirarem mandaram os juizes affixar um edital com a relação dos premios distribuidos,

nomes dos premiados, e fundamento das adjudicações.

Depois do torneio representou-se uma comedia, que poz termo a tão variadas e continuas diversões.

(*Continúa.*)

I. DE VILHENA BARBOZA.

## VIAGEM AO MINHO.

### CAPITULO III.

*Em que o auctor faz admiraveis considerações sobre muitas cousas importantes.*

O typo burguez está hoje bem longe do que foi em outra epocha. Se agora resuscitasse um d'aquelles honrados habitantes do burgo do Porto, nos tempos heroicos da monarchia, tornava logo a morrer, envergonhado de vêr a raça degenerada que o substitue.

Não é porque os de hoje não sejam honestos como os de então; mas a boa fé, a valentia e a religião, a verdadeira religião do povo, tudo isso foi convertido em malevolencia, fraqueza e grande dóse de hypocrisia. O typo classico desapareceu para sempre.

A cidade burgueza por excellencia, a cidade a quem os antigos reis de Portugal concediam o privilegio de não poderem inorar n'ella os fidalgos, retirou dos artistas e mestres de officios o nome, que tanto honrou os seus passados, para o dar a tendeiros sordidos, e a uzurarios miseraveis, salvas honrosissimas excepções. O burguez da nossa epocha é um ente material, e algumas vezes abjecto, que trafica em tudo e por tudo, seja justo ou não, licito, ou prohibido. Os raros descendentes dos Pedro Britador, e dos Fernão Vaz, foram incorporados aos peões, para que a agiotagem, esse cancro que devora as sociedades modernas, assumisse as honras da burgueza.

Em vez das nobres aspirações do antigo burguez, salvas tambem honrosas excepções, o de hoje é estúpido como a rocha, e por isso importa-lhe pouco, que os rios vão para baixo ou para cima; se sabe que ha governo, é porque este o obriga a pagar decima. Sem consciencia da liberdade, que disfructa, promete o seu voto ao primeiro que lh'o pede, e dá-o sempre ao ultimo que lhe falla. Este defeito provém sempre, não da falta de consciencia, mas da pobreza da intelligencia. Parece que Deus, para castigar a vaidade e o orgulho de certos homens, os desherda d'aquelle precioso patrimonio que distribue ao sabio a riqueza do espirito; antecipada recompensa das fadigas e martyrios, que depois custa! Essa vida de investigações laboriosas e de vigílias eternas, essa combinação da imaginação e da intelligencia, não é conhecida do burguez. Laborioso tambem, mas sem indagar o *porque* das cousas, a existencia burgueza da actualidade, é uma alliança tacita da materia com a materia, funcionando em virtude do machinismo da sua organização animal, sem saber porque se move, nem para que vive.

Creatura feliz, a quem os acontecimentos não tiram o somno, apezar de dizer mal de todas as cousas, o burguez do Porto é digno de ser estudado pela differença absoluta, que ha entre elle e os outros individuos da especie humana. Naturalmente negociante, a sua vida começa ao pé do *mostrador*; desenvolve-se sobre um banco de pinho, junto á secre-



taria de acajú ou de vinhatico; e acaba nas grandes lidas da alfandega, entre as especiarias da India e do Brazil. Methodico em tudo, atravessa a existencia de penna atraz da orelha e de lapis na mão, olhando estoicamente para tudo, que não seja calculo de ganhar, e não deslizando nunca uma polegada dos seus habitos invariaveis. A's sete horas da noute está deitado, e ás seis da manhã toma gravemente o fresco á porta da sua loja. Ordinariamente avarento, sempre sobrio por economia, não ha nenhum facto de morrer de indigestão. Parco dos prazeres do mundo, como das delicias gastronomicas, abstem-se de todos os divertimentos que lhe possam custar dinheiro, mas extasia-se diante da mais estúpida palhaçada, que o não obrigue a abrir a bolsa. As artes e as sciencias pódem morrer de inanição junto d'elle, porque lhe não prestará o menor auxilio; gozando, directa ou indirectamente, dos beneficios que ellas produzem, contempla-as com a mesma indifferença, que Zeno aconselhava e ensinava para supportar a desgraça. A litteratura detesta-a, aborrece mortalmente a poesia, porque não comprehende o uso de escrever senão para as contas correntes e as operações de arithmetica.

O escriptor é a derradeira e a mais inutil das creaturas de Deus, na sabia opinião do honradissimo burguez. Inimigo da civilisação, falla sempre do seu tempo com uma vaidade, que merece o patibulo, e olha com indignação para o desenvolvimento do espirito humano. Chama vicios e immoralidades a tudo que são innovações, declamando como um furioso contra o sacrilegio tremendo de se sacudirem as tês d'aranha do edificio social.

Para elle a mocidade de hoje é toda gente perdida e pernicioso para os bons costumes; porque se manifestam n'ella as tendencias generosas da liberdade, e as nobres aspirações para uma esphera mais superior, do que o limitado espaço aonde se revolve, na sua agonia, uma sociedade caduca. Essa geração robusta, que se levanta, rica de talento e de esperanças, novos athlantes, não para suster o céu sobre os hombros, mas para sustentar o mundo com as cabeças intelligentes; não passam de um bando de peralvilhos e vadios, que dissipam o dinheiro dos paes a comprar livros, para se adornarem com o nome terrivel de estudantes; raça amaldiçoada, prejudicial e desnecessaria, segundo o discreto modo de pensar dos burguezes!

Não exagero a pintura do typo; oxalá que assim fosse! O burguez possui todas as amaveis qualidades que deixo ditas, e ainda outras que não quero dizer. Comtudo não posso, nem devo ser injusto, passando sem as fazer notar por algumas condições que o tornam supportavel, embora sejam devidas ao acaso. Toda a minha vida ficaria com remorsos, se alguém se convencesse por esta pintura, de que o estomago burguez renega dos bons bocados, como das letras. Não, senhor; pelo contrario, adora-os; mas é indispensavel, para que os seus orgãos funcionem livremente, que seja outrem que pague. Em casa de um amigo, ou conhecido, aonde encontrar uma boa meza, não haja medo que a desacate, recusando sentar-se a ella. É verdade, que não goza da preciosa faculdade do olfato, para apreciar o delicioso aroma dos molhos; nem tão pouco tem aquelle paladar fino e delicado, que só dá um longo habito da cosinha franceza; mas o seu estomago, reconhecido á grandeza da quantidade e variedade com que é mimoseado, recebe com a melhor disposição possivel, e por tempo indeterminado, tudo com que o sobrecarrega a pasmosa ligeireza de seu dono. Então a physionomia do digno parasita dilata-se com uma expansão de verdadeira ale-

gria, e a alma alagada nos vinhos exquisitos, passeia por todos os escaninhos da barriga, pasmada de tanta abundancia, e saboreando em companhia do coração os encantos da novidade! O ventre, adquirindo uma fórma espherica, vae crescendo até alcançar a meza e barricada-se contra ella, para não perder a sua rotundidade com o pezo dos viveres. Sobre o guardanapo, que o illustre comilão ata no pescoço, vae por fim descançar o queixo, quasi desconjuntado das luxuriantes fadigas da mastigação. A lingua, passeando atrevidamente pelos cantos da bôca, tem arrojos de audacia tal, que chega a enroscar-se na ponta do nariz, fazendo-o perder a solemne gravidade com que está namorado o abatido queixo. Visto assim o burguez tem alguma cousa de grandioso e de sublime. Recorda o appetite de Vitellio, e as devassidões de Sardanapalo!

Mas apenas deixa a meza do perdulario, que o engorda, apenas o guardanapo glorioso cae como uma mortalha sobre os restos do opiparo banquete; abandonado pelo demonio da crapula, que o animava, o burguez precipita-se nos seus miseraveis habitos, com a energia de um Diogenes! Conservando saudoso a memoria dos acepipes com que o regalou a generosa toleima de um amigo, tem a coragem de não ensaiar em sua casa a correcção da meza quotidiana. Espreita a occasião de saborear de novo tão bons bocados, porém resiste á tentação de os pagar á sua custa.

Além d'esta possui ainda outra qualidade, que o enobrece e distingue como cidadão probo e util. Tratando-se de grandeza de alma, ninguem mais generoso do que elle, se não tiver, que despender dinheiro, ou cousa que o valha. Prodigio de louvores na presença do individuo, e mordaz na ausencia; ignorante como um rochedo a respeito de tudo, que não sejam algarismos; devoto por ostentação, ou por calculo, a sua piedade obriga-o a dar esmola a oito pobres todos os sabbados, a razão de cinco réis por cabeça. Nos outros dias da semana, como a sua clemencia tem limites, se um cego, um aleijado ou paralytico lhe pedir um bocado de pão, grita-lhe que vá trabalhar, com a maior brutalidade com que Deus nosso Senhor, na sua suprema sabedoria, dotou o animal chamado homem.

O burguez é assim em toda a parte, com pequenas differenças; todavia faço uma distincção, e distincção honrosa do negociante propriamente dito.

O negociante é outro ente, em tudo opposto ao primeiro, apesar do immediato contacto que ha entre ambos. Colocado no espaço, que medeia da burguezia á aristocracia, participa da actividade da primeira, e de muitas das boas qualidades da segunda. Possuido de verdadeiras virtudes, não é comtudo isento de alguns defeitos (quem é que os não tem?) que fazem muitas vezes, que as suas intenções não sejam devidamente julgadas. O amor da litteratura tambem não é o seu forte. Entende que uma nação póde passar muito bem só com o commercio, e ser perfeitamente feliz sem epopeias ou romances. Mas enfim, não é tão inimigo da imprensa, e ha exemplos de comprar algum livro; além de lêr com bastante interesse as novidades politicas! Deus me não castigue, porém n'esta ultima parte não posso louvar o seu gosto!

Não julguem que foi minha intenção no começo d'este capitulo ridicularisar o Porto pelo seu muito commercio. Pelo contrario, declaro aqui bem alto, tanto quanto se póde elevar a voz de um viajante, que me honro muito em pertencer a um paiz, que levou o seu commercio ao centro da Africa, da Asia e das Americas. Se de alguma cousa me envergonho, é de o vêr hoje tão abatido do antigo esplendor! Respei-



to a honrada corporação dos negociantes do Porto, e confesso que fiquei admirado do grande movimento commercial d'aquella cidade. Não fazia uma idéa exacta á vista das outras cousas d'esta desgraçada terra.

Verdadeira cidade maritima, se Deus tocasse um dia o coração dos que pódem e devem, para lhe fazer uma barra conveniente, seria o porto mais concorrido da Europa pelos navios de todos os paizes. Cadiz, Marselha e Genova, não seriam tão florescentes em comparação do Porto, se fizessem a este os melhoramentos, que necessita a sua posição.

A sua importancia é devida exclusivamente á sua actividade commercial; em tudo o mais está muito abaixo de Lisboa. Mas essa vida e essa actividade não tem nada a que se possam comparar na capital.

(Continúa.)

F. GOMEZ D'AMORIM.



ESTATUA ROMANA DE CLUNIA.

A ESTATUA, que representa a nossa estampa, foi encontrada por Santiago Lucas, em uma das suas propriedades de Clunia, a 16 de fevereiro de 1852.

Clunia, hoje substituída por uma aldeola de pouca importancia, foi convento juridico durante o dominio dos romanos em Hespanha.

A referida estatua é de alabastro, e tem cinco pés de altura; representa uma mulher, coberta com um manto; é de um trabalho e execução perfeitissimos; não se lhe vêem os braços, que talvez fossem de metal na primitiva; ignora-se a deidade a quem fosse dedicada.

No sitio da antiga Clunia têm apparecido por

varias vezes tão grande cópia de moedas e medalhas de diversos metaes, camafões, mosaicos, utensilios de barro, ferro, bronze, etc., que poderiam reunidos constituir um excellente museu de antiguidades. No logar, onde se encontrou a estatua, acharam-se tambem, a tres varas de profundidade, cinco columnas de marmore lisas, fixas a uma rocha, tres troços de jaspe nos quaes depois de unidos se pôde lêr a inscripção: *Pela saude do imperador Cesar Adriano Augusto, a Colonia Cluniense*. Tres pequenas azas de bronze cobertas de casquinha de prata, um vaso de barro de fórmula quadrada, e varias pontas de veado, sendo uma d'ellas monstruosa.

O sr. Remigio Salomon, que foi quem no Seminario Pittoresco hespanhol deu noticia d'esta preciosa estatua, presume que ella representaria a Diana caçadora.

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

II.

Juramento.

OUVIAM-SE OS murmúrios do conde Beroto, e dos que com elle opinavam contra a emancipação dos colonos servos. O bispo Eglya, auctor da proposta de alforria, tornou a orar:

— « Ricos-homens e cavalleiros! Conheci as misérias e as affrontas da servidão, porque nasci de paes servos. Recebido no gremio da Igreja, emancipado depois por um patrono generoso, elevado pela Bondade Suprema a esta eminencia no sacerdocio, e por ella possuidor de homens e campos, mas remordida a consciencia ao lembrar-me de meu bregço obscuro, ao accusar-me a mim mesmo de oppressor dos meus semelhantes; agora ansioso de os remir de seu captivo, abrindo um grande exemplo de reparação; logo tolhido de o abrir pelo despotismo dos respeitos humanos; umas vezes receioso de que fosse condemnado, punido e annullado esse acto de justiça eterna; outras vezes suspirando por tempos mais occasionados a decretal-o; eis-me aqui, enfim, senhores, servo resgatado, que venho resgatar meus irmãos; sacerdote engrandecido, que venho apostolar uma crença de igualdade tão antiga como o calvario e o Evangelho; peccador regenerado, que venho evangelisar-vos. Venho evangelisar-vos não com o meu, com o exemplo de um homem, cuja grande sombra assiste aos nossos conselhos, cujas victorias, serviços e fama o tem exaltado acima de todos nós em um pedestal de gloria; de um homem, que libertando, não ha muito, um grande numero de colonos, arvorando em cavalleiros grande numero de peões, creando com mão poderosa uma nova força para oppôr ao mesmo inimigo que combatemos, amparando com um braço nossos muros ameaçados, protegendo com outro braço suas fronteiras expostas, é o modelo providencial, de que vos posso dizer em nome de Deus e da liberdade: «imitae-o.»

— « Fernão Gonçalves! Sim, sim! O nosso chefe, a nossa esperanza de nós todos.» Exclamaram alguns de entre os conjurados.

— «Imitae-o,» repetiu o orador.

— «Que o imitemos no que é para imitar-se:» respondeu o conde Beroto. «Mas...»



— «Mas se vós vos obstinaes, esta causa está perdida. Deus tenha piedade de nós.»

— «A causa dos adscriptos?» perguntou ironicamente o conde Beroto.

— «A causa dos senhores e nobres, a vossa causa e a minha, as nossas cabeças de todos, a fé, e o nome de Hispania!» tornou-lhe o bispo com ar severo. «Serão tantos os vossos soldados n'esta lucta com o apostata, que vós tendes por demais alistar para ella o servo adscripto? Pobre vérme espesinhado, que não póde chamar sua nem a terra que cultiva, nem a choça em que repousa! Pobre vérme espesinhado! os braços com que trabalha, os pés com que se move, a ave que vóa no ar, o peixe que nada nos rios, não são seus, mas de um senhor: elle de seu só possui os tristes palmos de chão na valla dos mortos onde o enterraram! Pobre vérme espesinhado! Julgaes vós que ao servo interessem, em sua condição miseravel, estas discordias civis, em que a nós, senhores poderosos, nos vae a vida e a morte? Interessam-lhe tanto ao desherdado, como ao animal de carga o mudar de dono!»

— «Interessam-lhe a alma, a defesa da fé christã.»

— «Nem isso mesmo; porque Abd-el-Rhaman deixa-lhe francos culto e templos. Vós não vedes o mozarabe?»

— «É um negocio grave, muitissimo grave,» disse então o conde Silo, o mais auctorizado de todos os dissidentes. «Concedei-nos alguns minutos para o ponderar e amadurecer em nossas consciencias.»

A curia concedeu. Suspendeu-se o debate por meia hora: e o bispo Theodosindo, lançando os olhos á clepsydra, disse:

— «Aproveito este intervallo para annunciar á curia, que, ao cair da noite, nós chegou uma carta de Leão. Vou deslala-a, e lér-vol-a se assim vos apraz.»

— «Lê-la, se é para lér-se.»

O conde Veremondo e o presidente olharam-se com olhos de natural intelligencia. Desdeu-se a carta. Começou o bispo a lê-la, e á medida que ia lendo, ía a assemblea prorompindo em gritos de indignação e horror. Tinham sido justigados na cidade de Leão doze reis dos implicados na conjuração e levantamento de Carrion de los Condes. Uns expiraram em tormentos bárbaros, outros decepára-lhes as cabeças o cutello do algoz. D'elles dez eram notaveis por descendencia intrepidez, e virtudes privadas e publicas. A sua morte consternava a assemblea por dez amigos perdidos, e dez parentes victimados. Dous eram peões, mas não obscuros, porque o amor do povo tinha illustrado e engrandecido os seus nomes.

Quando o bispo acabou de lér, o tumulto, que fôra sempre crescendo, chegou ao seu auge. Os conjurados levantaram-se em desordem; as espadas de muitos estavam já nuas; e os clamores de vingança restringiam nos ecos da sala. Quando os clamores foram diminuindo, uma risada estridente, sarcastica, infernal partiu da alta galeria, que, proxima ao tecto, corria em volta da sala. A risada succedeu uma rugir de colera que não parecia de creatura humana; ao rugir de colera um gemido de agonia; ao gemido de agonia o estrondo de um corpo, que baqueou como uma bomba sobre o pavimento da extensa quadra. Os conjurados correram ao sitio onde jazia o corpo. Reconheceram a Bermudes, o anão monstruoso de Ramiro, que, golfando ondas de sangue, arquejava nas ancias da morte. Adivinharam então que a risada a soltara elle. Agitados de paixões ferozes, sedentes de vingança, embriagados com a vista do sangue, enfurecidos pelo

sorriso diabolico, que ali mesmo, na extrema angustia da vida, ressumbrava da physionomia do monstro, alçaram as espadas para as cevar n'elle. O bispo, que já tinha descido do estrado, os prelados, que tinham acudido, embargaram esta vingança insensata e inutil. Bermudes acabava de expiar com a vida o derradeiro ensaio do seu mister de jogral. Fôra o escudeiro do conde Hermenegildo, que, ouvindo as risadas do malevolo e vingativo anão, lhe estourára algumas costellas, e cego de furor o arremessára do alto da galeria com a força prodigiosa com que uma ballista despede um canto de rochedo.

— «Tomae os vossos assentos,» disse o bispo Theodosindo já da cadeira da presidencia. «Importa chegarmos a um acôrdo: a noite vae adiantada: em breve romperá a manhã; e nada ha ainda deliberrado.»

As ultimas execuções de Leão, e o episodio ensanguentado do bobo tinham valido mais á causa dos servos colonos e aos interesses da conjuração, do que toda a eloquencia do bispo Eglya, e todo o ascendente do conde Veremondo. O conde Silo levantou-se para declarar, que os nobres todos, que seguiam a sua voz, protestavam á face de Deus e da curia conferir carta de homens ingenuos e o gráu de cavalleiros villões aos homens de creação de suas honras e solares.

Estrondosos applausos celebraram esta declaração de concordia. A força irresistivel dos factos mettia assim a primeira cunha de ferro na arvore secular do privilegio, e a primeira semente da liberdade das classes servas semeava-se no terreno, coutado e defezo, das classes dominadoras. A aurora, cujos raios entravam já a apparecer, levantava-se propicia para essas victimas de uma longa oppressão.

— «Vejo a luz da manhã,» disse então o conde Veremondo, «que começa a alvorecer, e nos convida a cuidar de um tumulo, caro a nós todos. Resumámos os nossos debates. Homens de guerra forjámos as armas da guerra. Que os homens da Igreja forjem as armas da Igreja...» E voltado para os prelados, pausou ao proferir estas palavras. «A Providencia (continuou) pôz em nossas mãos o corpo de delicto de Ramiro. Tiremos das credenciaes tantas cópias, divulguemol-as de sorte por todo este reino, que o infimo dos servos, que o habitam, possa escutar a sua leitura, e revoltar-se, escutando-a. Ha de revoltar-se mesmo o infimo dos servos, ha de erguer-se de indignação a alma mais curvada para a terra ao saber a baixa e vil prostituição, e a sanguenta tyrannia de um rei, que perdeu o nome de cavalleiro, que nem merece o de servo, que vendeu o de christão, e que só lhe quadra...»

— «O de algoz,» bradou o conde Beroto.

— «O de algoz,» confirmou o conde Veremondo.

— «Assim seja! assim seja!» exclamaram os ricos-homens e cavalleiros.

— «Anathema sit! anathema sit!» exclamaram os prelados; e acompanharam com a mão e o gesto este raio da Igreja ao lançal-o sobre a cabeça do criminoso.

Os primeiros raios do sol nascente começavam a tingir da còr do ouro os vidros multicores das janelas, e pareciam animar as figuras ali desenhadas. A luz do dia asserenava os semblantes dos conjurados ensombrecidos pelo clarão sinistro das tochas e a violencia das paixões. O bispo levantou-se da cadeira, e n'uma voz, em que vibrava o entusiasmo, dirigiu-se á curia:

— «Ao fechar a nossa conferencia, saudemos o astro eterno, que o Senhor dos mundos nos envia em signal de redempção.» Os conjurados voltaram-



se para o oriente: todos elles se inclinaram: o bispo continuou: «Na presença d'esta magnifica renovação da natureza e da vida, juremos de novo nosso pacto de liança como irmãos durante o perigo, e irmãos depois da victoria. Juremos transmitir intacta aos nossos netos a herança de religião e liberdade, que nossos avós conquistaram com o seu valor. Juremol-o por **AQUELLE**, que vive em todos os seculos dos seculos.»

Uma immensa aclamação confirmou este juramento. Os conjurados levantaram ao céu as mãos e as espadas, e depois abraçaram-se uns aos outros com um delirio indizível. Um signal transmittiu ás avenidas do alcaçar o entusiasmo que trasbordava na sala, e durante alguns minutos rufaram vinte tambores a chamada marcial dos combates.

#### ENTERRO.

Oh! como nos tempos da meia idade, em vespuras de uma campanha, iria de azafama e lida; fornalhas a arder, ferros a abraçar-se, martellos a malhar, espadas, lanças, e misericordias a forjar-se ou açacalar-se, elmos e arnezes a polir-se, e tantos e tantos instrumentos de morte, com que o homem de trabalho ganhava a vida, fabricando-os, e o homem de devastação e de guerra provava destreza e força, derramando sangue em torrentes; e amontoando cadaveres e ruínas em nome da gloria e da vingança! Oh! era esse um espectáculo, era um estrepito, de que ainda antes do combate, ainda antes de arreados em scena sanguinolenta os combatentes, facilmente anticipava a imaginação os desastres e o horror.

Não era esse porém o principal espectáculo que presenceava a villa de Carrion de los Condes no dia depois d'aquelle, em que as credenciaes foram interceptadas. Eram homens armados de nenhuma outra arma senão cálamos, de nenhuns outros materiaes de guerra senão tinteiros e folhas de pergaminho, dispostos em volta de nenhum outro campo senão mezas e bancas; eram notarios, amanuenses, escribas, e os poucos d'entre os cavalleiros, que sabiam escrever, atarefados todos a extrahir cópias do famoso documento, que constituia o corpo de delicto do rei de Leão, e a justificação dos nobres e ricos-homens revoltados contra elle. O estampido não passava do pequeno susurro dos cálamos correndo sobre os pergaminhos. Armas eram; mas as da intelligencia, as nobres armas incruentas da civilisação, que se aprestavam para uma grande batalha moral. Era a miniatura pallida da grande machina do pensamento, que o seculo 15.<sup>o</sup> viu armar, ballista de abater senhores e castellos, de derrocar thronos e cultos, de lançar povos na fortaleza dos reis, principios no reducto dos abusos, idéas nos dominios da auctoridade, e raios da intelligencia eterna na cabeça e no coração das multidões ignorantes. Era o preludio da arte divina de Guttemberg.

Com muito ardor e attenção concentrada preparavam estes soldados pacíficos de penna e pergaminho a ruina do credito do rei de Leão, quando o clamor, retumbante e triste, de muitas trombetas, que feriam o ar com as suas notas agudas e funebres, pregoando o enterro de um guerreiro, veiu distrahir-os do seu trabalho. Suspenderam os cálamos, e olharam...

Por quem se accendem esses dous renques de brandões pallidos que ali vão? Essas fileiras de monges com os seus abbaes na frente, mitrados e revestidos de estola e pluvial, a quem acompanham? Por que alma, que vóou da terra, se entoam essas es-

trophes sublimes do *miserece mei, Domine?* Que cadaver encerra esse ataúde, cercado de cruces e reliquias, ornado de uma espada e uma corôa de conde, sustido aos hombros de outro cavalleiros? Que homens são esses, que aos lados do ataúde vão tocando duas campainhas lugubres? Que corpo é esse de outros cavalleiros, que marcham na cauda do prestito, de lanças em funeral, os escudos voltados, as vestes de dó pezado, e os rostos cabisbaixos? Uma multidão de escudeiros e pagens de nobre linhagem os segue em trajos de luto. Atraz, e a d'estro de um famulo com a libré do defunto, vae o melancolico corcel de batalha, ajaezado de preto. Fecha o acompanhamento um grande concurso de povo.

*Miserece mei, Domine!*

E os cruciferarios entoam com os outros monges o psalmo funebre; as campainhas retinem os seus sons de morte; rufam tristemente os tambores velados; e o acompanhamento desfila.

E quando o prestito se escondeu no profundo portal da igreja, quando expirou o ultimo som do *miserece*, e o ultimo tim das campainhas, e a terra recebeu o que era da terra, ficando só cá no mundo as saudades do fallecido, e nos corações a memoria do seu infortunio, do seu nome, e do seu valor; os copistas voltaram á sua tarefa, e os conjurados aos ardentes trabalhos da sua empreza.

O povo miudo, saído em grupos do templo, ia celebrando os louvores do defunto, e murmurando d'ora em quando: «A sua alma esteja no céu!» Mas d'entre as turbas exclamou repentinamente uma d'essas vozes, que deitam a sonda ao futuro: «Será isto para bem da prove gente?»

As cabeças populares voltavam-se em busca do interruptor, quando um frade veneravel, e de barbas brancas, lançando a vista para o sitio, donde soára a interrupção, e erguendo depois a cabeça, já inclinado ao pezo dos annos, respondeu com os braços alçados, e os olhos firmes no céu: «Confiae em Deus, irmãos!»

«Se o santo homem diz que confiemos... bonda que elle o diga,» acudiu uma velha, passando para a mão esquerda o bordão, a que se arrimava, e confirmando as palavras do sacerdote com o seu index octogenario.

Ninguem conheceu o frade. Suspeitou-se depois ser o bispo Eglya, que assistira á cerimonia funebre, disfarçado nos habitos de simples monge.

(*Continua.*)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

#### II.

Não nos emmaranhemos mais n'este tenebroso labyrintho. A verdade é que, no decurso do nosso segundo periodo chronologico, das ilhas realmente conhecidas com maior ou menor particularidade, as primeiras ao norte do estreito (sem fallar na ilha de Cadiz, que lhe fica immediata) eram as Britannicas; e ao sul do estreito, realmente conhecidas desde meiado do 14.<sup>o</sup> seculo, só as Canarias, mas ainda tão mal e por tão poucos, que d'ellas e de seus mares continuavam a contar-se tantas fabulas, que custava a reconhecer na nova descripção o cunho da verdade, tanto ainda corria eivada de ficções anti-



235. Os geographos arabes, que pareciam fallar d'ellas com mais coincidência, apenas sabiam o que de ilhas Afortunadas haviam deixado escripto gregos e romanos. A propria incerteza de posição, que lhe assignavam na idade media, ora pondo-as ao sudoeste da Europa, ora ao occidente da Irlanda, nos está a dizer que as Afortunadas não eram ilhas cabalmente conhecidas e tratadas, mas das que o tempo mettêra segunda vez no rol das phantasticas. E o seu numero variando de uma até seis e mais ilhas?

Na idade media, como na antiguidade, quasi tudo era phantastico a respeito de ilhas e terras oceanicas. Fallam em ilhas Afortunadas; fallam n'um occidental Paraizo terreal, nas Hesperides dos iberos; em ilhas sem nome sobre as costas de Portugal ao norte do Tejo, como as quatro do mappa-mundi de Henrique de Moguncia do 12.<sup>o</sup> seculo; em ilhas sobre as costas da Mauritania ou da Lybia; em Gorgones, *insula a feminis solis incolitur*, (só habitada de mulheres) como diz o mappa-mundi do 14.<sup>o</sup> seculo, que está no *Polychronicon* de Ranulpho Hyden, manuscripto da bibliotheca do museu britanico; fallam em terra trans-oceanica desconhecida por causa dos ardores do sol; fallam na ilha Atlantida transformada em Antilia; fallam na Scaria; nas Hiborus, Cataria, Nimboralia, e Junonia; na de S. Brandão, e outra onde se não pôde morrer; na Erythia dos ethiopes; nas Eternas ou Khaledat dos arabes, ora em maior, ora em menor numero, a que só por acaso se aporta; ora submergidas todas, ora restando uma só da submersão; mas que estas creações ou eram absolutamente phantasticas, ou não prendiam em realidade com nenhuma das ilhas depois descobertas no alto mar Atlantico, tantas noções vagas, desultorias e inverosimeis o confirmam e affiançam. Acresce ainda como prova indirecta, que as ilhas a que nos referimos entre o paralelo das Canarias e o das Britanicas, nem eram suspeitadas na idade media, que os cosmographos e cartographos de critica mais independente, e menos dominados pelos preconceitos do seu tempo, não accusam nenhuma no oceano dentro dos limites apontados. Exemplo muitos mappa-mundi, e mais o sentir de Brunetto Latini, coroado com a declaração de Sanuto, que disse: que fronteiras ás costas da peninsula iberica não havia ilhas de algum valor. Nem se cuide que prejudica o que dizemos o apparecerem os Açores com nomes mais ou menos desfigurados em algumas cartas (na de Parma, na catalã da bibliotheca real de Paris, no atlas da bibliotheca Pinelli, todos do 14.<sup>o</sup> seculo) anteriores á epocha em que foram descobertos pelos portuguezes, porque é mais do que evidente ser isso uma addição posterior aos nossos descobrimentos, pois o resto das cartas, especialmente o prolongamento da costa occidental de Africa, se contém nos limites que lhe a geographia systematica dos antigos assignava, e está em opposição ao adiantamento, que se quer inculcar nos mares occidentaes. Quando o costejamento de Africa não ia longe, como pôde suppor-se que se aventurassem já no alto mar? Tambem não colhem contra nós as inferencias, que depois do 15.<sup>o</sup> seculo alguns geographos quizeram tirar do que gregos e romanos tinham dito das Cassiterides, inculcando serem as dos Açores: Nycephoro de Blemmyde, que perto d'aquellas pôe logares onde as mulheres celebram festas em honra de Baccho, ensina-nos que os Açores, em que taes circumstancias se não davam, não podiam traduzir para a realidade nenhuma das visões da idade media. Martim de Behaim pelo uso de uma palavra inconsiderada, chamando no seu globo de 1492 aos Açores Cassiterides dos antigos, com-

metteu erro; mas estamos bem longe de crer que quizesse indicar por isto, que os Açores tivessem sido conhecidos da antiguidade. Se quiz affectar erudição nem por isso pôde crer-se fosse intenção sua mentir á originalidade dos nossos descobrimentos modernos, em que elle com os portuguezes se achára, sabendo que os Açores (onde casou e residiu algum tempo) tinham sido achados desertos, sem animaes quadrupedes, e sem o menor vestigio da passagem de homem. N'outra parte d'este trabalho teremos occasião de reverter a fallar d'isto e de Behaim; bastando accrescentar agora que nem as posições, nem as circumstancias naturaes das ilhas dos Açores concordam de nenhum modo com o que das Cassiterides (*Sorlingas*, como geralmente se crê) se dissêra sempre. As relações de identidade entre o conhecido e o fabuloso são de tal modo disparatadas e impossiveis, que repugnam a qualquer bom senso.

A theoria da impossibilidade de atravessar o Atlantico estando de pé e reconhecida em toda a idade media, está por si só desterrando á mansão das chimeras essa multidão d'ilhas e viagens sonhadas n'esta parte do mar occidental. Se elle era innavegavel como tinham chegado aos povos continentaes noções de taes ilhas? Nem mesmo viagens occasionaes podiam trazer este resultado, porque a ser assim se romperia por uma vez o encanto em que estava o Atlantico, o que só vemos puderam conseguir as navegações portuguezas. A noticia pois de ilhas atlanticas no alto mar das Hespanhas está em contradicção com a doutrina da impossibilidade de navegar no oceano, e por isso, quando esta assentava n'um facto real, mal podiam aquellas sair da região dos sonhos.

A maior proximidade relativa das ilhas Canarias, e de Cabo-Verde, e o facto de serem encontradas povoadas quando as descobrimos, induz a crer que em tempos mais ou menos remotos communicaram accidental ou calculadamente com as costas fronteiras do continente africano. O que porém succede com as ilhas dos archipelagos da Madeira e Açores é completamente differente, porque além de estarem muito mais distantes das costas continentaes, foram achadas completamente desertas, e sem o menor vestigio de anterior reconhecimento.

Assim, de tudo o que deixámos imparcialmente observado de tantas provas directas e indirectas, explicitas e derivadas, nos parece dever racionalmente concluir-se, que nenhuma outra nação (antes da portugueza) emprehendêra na idade media, do 5.<sup>o</sup> ao principio do 15.<sup>o</sup> seculo, navegações do alto mar Atlantico; e que suas ilhas mais afastadas das costas do velho mundo lhes foram completamente desconhecidas; porque se assim não fôra, e d'estas cousas houvesse então melhor noticia, não guardariam todos os escriptores, que citámos e representam os conhecimentos do seu tempo, silencio tão constante a respeito de taes factos.

Fecharemos esta *segunda parte* do nosso trabalho com palavras do sr. visconde de Santarem. "... Não se pôde encontrar até agora uma unica carta, um unico monumento, que possa provar de maneira incontestavel, que os maritimos italianos, catalães, e outros, dos paizes situados no Mediterraneo, emprehendessem navegações no alto mar exterior, antes das expedições portuguezas..."

JOSÉ DE TORRES.

— A caridade é como o sol: luz para todo o mundo.

BASTOS — PENSAMENTOS.